

GAZETA MERCANTIL

Sábado, 3, e segunda-feira, 5 de janeiro de 1987

Por Brasil

As promessas do novo ano e nossas responsabilidades

Com a reforma monetária empreendida em 1986, não há dúvida de que este ano de 1987 se inicia sob melhores auspícios do que o anterior. É certo que o Plano Cruzado, por ter despertado uma euforia exagerada no seu início, agora provoca um pessimismo proporcional diante das dificuldades cambiais, do recrudesimento inflacionário e da volta — esperamos temporária — da ciranda financeira. Mas os dados objetivos da realidade econômica não autorizam esse comportamento, pois se os problemas existem eles não são insuperáveis, como os alarmistas querem fazer crer.

Começando a análise pela inflação, verificaremos que há mais elementos indutores de baixa do que de alta, nos próximos meses, em relação aos níveis atingidos em dezembro. Tais níveis, é bom recordar, foram impulsionados de forma excepcional pelos reajustes de preços e tarifas decretados em novembro, e pelo subsequente anúncio de um realinhamento amplo de preços na economia. Mantendo-se o congelamento após

o ajuste ou adotando-se em seu lugar o tabelamento amplo, as pressões inflacionárias deverão diminuir, porque o realinhamento certamente inibirá a demanda.

Assinalem-se, a esse respeito, indicações de uma redução no consumo, surgidas já nos dois últimos meses do ano passado. Na região metropolitana de São Paulo, segundo a Federação e Centro do Comércio, as vendas reais no varejo diminuíram 6,3% em novembro, em relação a outubro. Igualmente, na região metropolitana de Curitiba, as vendas caíram 6,9% nos meses comparados, segundo a Federação do Comércio Varejista do Paraná. E em Brasília, segundo estimativa da Associação Comercial do Distrito Federal, as vendas de dezembro superaram as do mesmo mês de 1986 em cerca de 20%, quando, antes dos ajustes econômicos de novembro, projetava-se um aumento da ordem de 40%.

Não festejamos a redução do consumo em si, mas os sinais de um melhor equilíbrio entre oferta e demanda na economia, necessá-

rio à diminuição das tensões inflacionárias. Esperamos, contudo, que as autoridades governamentais estejam atentas, para impedir que o prolongamento dessa tendência acabe por inibir a produção, dando início a um novo processo recessivo.

Outro fator positivo é o comportamento da agricultura, prejudicada no ano passado pela seca. Com as chuvas generosas desta época, confirmam-se as expectativas de uma safra recorde, o que, certamente, ajudará no abastecimento de alimentos, diminuindo as necessidades de importação.

O crescimento econômico a taxas possíveis e a contenção inflacionária são, de qualquer modo, objetivos influenciados em grande parte por duas variáveis. A principal delas, chave para o planejamento da política econômica nos próximos anos, é a renegociação da dívida externa. Segundo as informações disponíveis, não estamos muito longe de um acordo com os credores, se não para uma renovação plurianual, pelo menos para mais um ou

dois anos de prazo. A outra variável é a contenção do déficit público, através de um corte nos gastos de custeio do governo. Já houve algum progresso nesse sentido, no ano passado, mas a sociedade brasileira ainda aguarda uma contribuição mais efetiva ao esforço geral de combate à inflação, com o governo reduzindo os quadros ociosos e melhorando a eficiência de sua máquina administrativa.

Será também 1987 o ano da elaboração da nova Constituição brasileira, através de representantes legitimamente eleitos e que saberão, esperamos, fazer uma Carta progressista e duradoura. Enfim, tanto no plano econômico quanto no político, é um ano que promete novos e importantes avanços. Apressar essas conquistas é uma tarefa que só depende do trabalho de cada um de nós, de nossa fidelidade à tradição conciliadora do povo brasileiro, de nossa capacidade de renunciar a interesses particulares em favor dos coletivos e de nosso desejo de construir uma grande nação.